

## **A ESTRUTURA FRÁSICA NA GRAMÁTICA DA CRIANÇA QUE CATEGORIAS FUNCIONAIS?**

CARLA SOARES

(Université Marc Bloch-Estrasburgo)

### **1. Introdução**

Em diversos e recentes trabalhos de investigação no domínio da aquisição das línguas naturais, as categorias funcionais têm sido um tópico de estudo na origem de perspectivas pouco consensuais relativamente ao seu estatuto na gramática da criança.

Mediante a observação de que, quando são produzidos os primeiros enunciados de mais de uma palavra, a criança revela uma tendência para a omissão de itens funcionais e de que, inicialmente, nem todas as operações sintácticas que envolvem categorias funcionais são realizadas, alguns autores (Cf. Lebeaux (1988), Radford (1986, 1988, 1990, 1992), Guilfoyle e Noonan (1988), Platzack (1990, 1992)) chegam mesmo a sustentar a hipótese de as representações sintácticas da criança não disporem de uma estrutura funcional. Uma abordagem desta natureza rejeita a possibilidade de qualquer projecção funcional estar presente no sistema da criança, que não tem as categorias DP, AGR<sub>ç</sub>P, TP e CP, e prevê que esta não seja capaz de realizar:

- (a) o movimento do verbo
- (b) a concordância sujeito / verbo
- (c) sujeitos no nominativo
- (d) deslocações de sintagmas-Wh
- (e) complementadores

Nos trabalhos que reflectem sobre categorias funcionais durante o processo de aquisição de uma dada língua, a questão fundamental tem sido saber

se se pode demonstrar que, numa fase inicial em que começa a combinar as primeiras palavras, a criança já produz estruturas em que estão presentes categorias funcionais, estando estas representadas na Gramática Universal (GU), ou se esses momentos da sua produção verbal apenas nos remetem para uma sintaxe pré-funcional.

A caracterização do estado inicial, genuíno, da Gramática Universal é apenas uma das vertentes associadas à problemática das categorias funcionais. Julgamos ser fundamental procurar saber como é que as categorias em causa, se de facto existentes, estão especificadas na gramática inicial da criança e se estão sujeitas a um processo de desenvolvimento.

Neste artigo, a partir da observação de dados do Português Europeu (doravante, PE), pretendemos demonstrar que há fortes argumentos a favor da presença de projecções funcionais na sintaxe da criança e que é possível caracterizar momentos distintos que marcam a aquisição das categorias D, AGR<sub>s</sub>, T e C. Assim, começaremos por observar algumas hipóteses relativas à natureza da estrutura funcional durante o processo de aquisição da língua materna para depois propormos, tendo em conta o estatuto das categorias em estudo no Programa Minimalista (Chomsky 1993), uma hipótese de trabalho compatível com os dados da aquisição do PE que aqui apresentaremos.

## **2. A estrutura funcional na gramática da criança: algumas hipóteses**

Nos últimos anos, têm-se formado basicamente duas abordagens que marcam o estudo dos fenómenos da aquisição da língua, conhecidas na bibliografia como a Hipótese da Maturação e a Hipótese da Continuidade.

A Hipótese da Maturação (Borer e Wexler (1987, 1992), Wexler (1996)) corresponde a uma perspectiva que presume que os diferentes módulos da GU estão sujeitos a um processo de maturação, total ou parcial, determinado biologicamente, que condiciona a evolução linguística da criança. Considera-se que nem todos os princípios e categorias gramaticais da GU estão disponíveis inicialmente, já que a sua emergência é condicionada por uma evolução biológica. A linguagem é assim entendida como um sistema que evolui e se desenvolve como qualquer outro sistema biológico, mesmo se uma parte dessa evolução está dependente da experiência.

A uma hipótese desta natureza são inerentes alguns problemas. Em primeiro lugar, espera-se que preveja com exactidão os momentos em que determinado conhecimento gramatical da criança se torna disponível. Além disso, terá também de definir quais são os factores que determinam a emergência de certas categorias e princípios que antes não estavam operantes. Estas são questões que têm ficado sem resposta nos trabalhos que propõem a maturação como uma explicação plausível para o desenvolvimento linguístico da criança. Por outro lado, a Hipótese da Maturação, construída sobretudo a partir da observação de

dados da aquisição do Inglês, não explica os contrastes destes com a produção linguística de crianças que adquirem outras línguas. Dados de crianças inglesas, pobres em elementos flexionais (Cf. Radford (1988, 1992)), apresentam características diferentes face a dados produzidos por crianças alemãs e holandesas da mesma idade, onde estão patentes mais elementos flexionais e operações sintácticas indicadoras da presença das categorias funcionais na gramática da criança (Cf. Clahsen (1990), Meisel e Müller (1992), Poeppel e Wexler (1993)).

A Hipótese da Continuidade, por sua vez, assenta na assunção de que existe uma continuidade entre a gramática da criança e a do adulto, ou seja, ambos dispõem dos mesmos princípios de funcionamento, dos mesmos módulos, das mesmas categorias e representações sintácticas. A aquisição da língua corresponderá sobretudo a um processo de aquisição do léxico e de fixação dos parâmetros que lhe estão associados .

Em Pinker (1984) encontramos um dos defensores desta linha de pensamento:

*Until evidence shows otherwise, one should assume that the child's grammar is realized in his or her linguistic performance in the same qualitative way as for adults.*

Pinker (1984: 8)

Esta hipótese tem sido, contudo, entendida de dois modos: uma interpretação que pressupõe que a estrutura frásica da criança é exactamente igual à do adulto - sendo as diferenças de produção explicáveis por outros factores<sup>1</sup>, tida como a Hipótese da Continuidade Forte (Hyams (1992, 1994), Valian (1992), Deprez e Pierce (1994), Verrips e Weissenborn (1992)); uma visão mais moderada que, partindo igualmente da ideia básica de que a gramática da criança é sempre guiada pelos princípios da GU, admite a possibilidade de a representação sintáctica estrutural da gramática infantil mudar ao longo do tempo, sem que, contudo, se verifiquem, em qualquer estágio desse desenvolvimento, violações dos princípios ou restrições que regulam a estrutura frásica - a Hipótese da Continuidade Fraca (Clahsen, Eisenbeiss e Vainikka (1994), Hoekstra e Jordens (1994), Lebeaux (1988), Powers (1996)).

O problema central da Hipótese da Continuidade será o de explicar como é que parte do conhecimento gramatical disponível inicialmente não é utilizado pela criança.

Ainda assim, de um ponto de vista conceptual, parece-nos a hipótese mais adequada e com maiores possibilidades explicativas.

As várias hipóteses colocadas relativamente à aquisição da língua têm condicionado as propostas respeitantes à representação da estrutura frásica durante o processo em que se desenvolve essa aquisição.

### *Projecções Funcionais Nulas*

Investigadores como Radford (1986, 1988, 1992), Lebeaux (1988), Guilfoyle e Noonan (1988), Platzack (1990, 1992), Powers (1996) colocam a hipótese de que, inicialmente, a criança só dispõe das categorias lexicais V, N, A e das respectivas projecções máximas, não havendo lugar para nenhuma das categorias funcionais na sua gramática, pelo menos numa primeira fase da aquisição da língua. Alguns autores (Cf., por exemplo, Bowerman (1973), Radford (1992)) a partir da constatação de que, na produção verbal da criança, são omitidos elementos funcionais, consideraram a possibilidade de a gramática desta só permitir a expressão de relações temáticas ou semânticas. Assim, as categorias funcionais seriam adquiridas gradualmente, ao longo do processo de desenvolvimento linguístico e a criança teria de descobrir quais as que são necessárias na sua língua.

Radford (1986), sustentando que as primeiras associações de palavras da criança equivalem às orações pequenas do adulto, que não têm C nem INFL, traça assim a célebre Hipótese da Oração Pequena, à qual Hyams (1994) aponta como fraqueza fundamental o facto de se basear empiricamente nos dados de crianças cuja língua materna é o Inglês, pobre de um ponto de vista flexional.

Um dos principais problemas de uma hipótese desta natureza é explicar como é que a criança passa do seu sistema para uma representação estrutural característica do adulto e qual é a evidência empírica que atesta tal transição.

### *Estrutura Funcional Parcial*

Uma proposta que de alguma forma tem um carácter intermédio é aquela que sustenta que, nos estádios iniciais da aquisição da língua, algumas categorias funcionais, não todas, estão presentes na gramática da criança (Clahsen (1990), Meisel e Müller (1992), Penner (1992), Clahsen, Penke, Parodi (1994), Gawlitzek-Maiwald, Tracy e Fritzenschaft (1992)).

Meisel e Müller (1992), a partir do estudo de três crianças bilingues, concluem que uma categoria como INFL está presente desde cedo no sistema da criança<sup>2</sup> que não dispõe, contudo, de C nem das suas projecções. Os principais argumentos a favor da existência de I na estrutura sintáctica da criança são o facto de esta empregar correctamente as flexões verbais com a informação de número e de pessoa e de se verificar a concordância sujeito / verbo e a distinção entre formas verbais finitas e formas verbais não finitas<sup>3</sup>. Por outro lado, como não são

produzidas subordinadas introduzidas por complementadores e como a inversão sujeito / verbo em interrogativas-Wh também não se concretiza, considera-se que C não está presente na gramática da criança e que é adquirido mais tarde, o que quer dizer que esta última tem uma estrutura funcional incompleta.

A aquisição dos complementadores é tida como o fenómeno responsável pela implementação de novas posições estruturais; assim, ao contrário do que outros advogam, como veremos, a realização fonética dos núcleos precede e desencadeia mesmo a construção da estrutura sintáctica.

Às hipóteses de Meisel e Müller (1992) estão associados alguns problemas. Por que razão projectam as crianças categorias como AGR e T e não C, dispondo apenas de uma estrutura funcional truncada? Porque optariam por elevar as formas verbais finitas para T, o que implica uma posterior reanálise, em vez de procederem como o adulto, quando, de facto, estão expostas a dados de um input que as orientam neste sentido? O que é que torna, mais tarde, o movimento de T para C obrigatório?

Em Meisel e Müller (op. cit.) não é claro o modo como se processa a transição para uma estrutura funcional completa que inclui CP. A questão mais delicada, assim, continua a ser a de explicar como é que categorias inexistentes inicialmente são introduzidas no sistema da criança e o que é que determina essa operação.

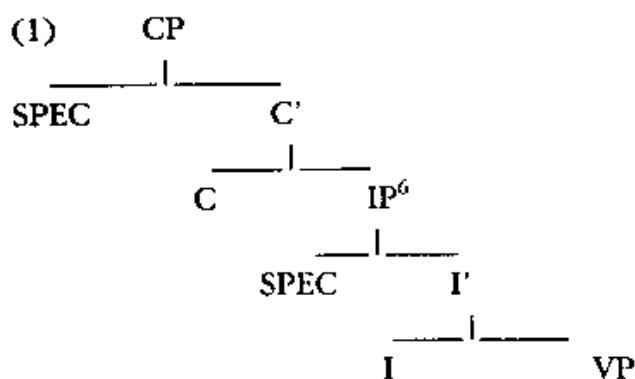
### *Estrutura Funcional Completa*

A hipótese que mais fortemente se situa no âmbito de uma perspectiva de continuidade é aquela que defende que as categorias funcionais estão presentes na gramática inicial da criança, mesmo que não sejam realizadas foneticamente (Verrips e Weissenborn (1992), Hyams (1992, 1994), Demuth (1992), Valian (1992), Deprez e Pierce (1993, 1994)). Assim, entende-se que a construção da estrutura sintáctica precede a realização fonética dos núcleos funcionais.

Hyams (1992, 1994) é um dos autores que propõem que a criança dispõe de uma estrutura funcional completa, na qual estão presentes os nós CP e IP. Apresentando dados da aquisição do Italiano, Hyams (1992) utiliza como argumentos a favor da existência de um Sistema-I a realização, por parte das crianças<sup>4</sup>, da concordância sujeito / verbo, o emprego de sujeitos marcados com o Caso nominativo, a posição dos clíticos em estruturas com auxiliares e a posição da negação. Partindo da observação de dados de línguas germânicas como o Alemão, o Neerlandês, o Sueco e o Inglês, Hyams (op. cit.) encontra também argumentos que justificam a presença de CP nas representações sintácticas da criança: é realizado o movimento de formas verbais finitas para C nas línguas V2, são produzidas interrogativas-Wh, interrogativas globais com inversão de auxiliares e mesmo algumas interrogativas indirectas. Em Hyams (1994), o

aparecimento de argumentos nulos, sobretudo de sujeitos nulos, nos primeiros enunciados das crianças é apresentado como evidência que suporta a existência de CP na gramática<sup>5</sup>.

Hyams (1994) propõe então como estrutura frásica básica a de (1):



Hyams (1994)

O facto de os itens funcionais não serem produzidos não é sinónimo da ausência das categorias funcionais, uma vez que são realizadas operações sintácticas que as envolvem (Hyams (1992, 1994)). Demuth (1992), a partir da análise de dados da produção espontânea de crianças cuja língua materna é o Sesotho chega a uma conclusão idêntica. Considera que o acesso à estrutura do DP precede o acesso às estruturas de IP ou de CP e que, mesmo que os núcleos funcionais não sejam ainda realizados foneticamente num dado momento, têm um papel importante na gramática da criança.

Uma teoria que postule uma estrutura funcional completa na gramática da criança é a mais coerente com uma perspectiva de continuidade. Relativamente ao Português Europeu, colocamos a hipótese de, logo num fase inicial da sua aquisição, na qual se combinam as primeiras palavras, a estrutura funcional estar já disponível nas representações sintácticas. Como explicar então uma tendência inicial da criança para a omissão de itens funcionais? Como explicar, também, que, inicialmente, nem todas as operações que envolvem categorias funcionais sejam realizadas e que venham a ser concretizadas progressivamente ao longo do processo de aquisição da língua?

Apesar de partirmos do princípio de que as categorias funcionais estão presentes no sistema da criança, admitimos a possibilidade de não se encontrarem especificadas, isto é, de estarem representadas na gramática de uma forma mínima, no sentido em que são definidas por um conjunto de propriedades, ou traços, sujeitos a um processo de especificação durante a aquisição da língua.

### 3. *Corpus* e Metodologia

O *corpus* longitudinal constitui a base empírica deste trabalho corresponde a uma recolha da produção linguística de uma criança portuguesa, a Marta (MAR), durante um período compreendido entre 1;2.0 e os 2;2.17 anos de idade (as medidas de MLU da Marta situam-se entre 1.30 e 2.54) em 12 sessões realizadas mensalmente, tendo cada uma cerca de 60 minutos de duração.

Os dados foram recolhidos em casa da criança, num registo audio e video (Sony Handycam AF HI-FI Stereo), em situações quotidianas e espontâneas de interacção verbal entre esta e o adulto, tendo sido utilizados como estímulo os objectos que fazem parte do ambiente diário e habitual da criança (brinquedos, livros, objectos da casa)<sup>7</sup>.

A transcrição ortográfica dos dados foi realizada com recurso ao material audio do Laboratório de Línguas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Os dados foram posteriormente codificados em formato CHAT (Codes for Human Analysis of Transcripts) — sistema de transcrição com regras de codificação próprias de que dispõe o Sistema CHILDES (Child Language Data Exchange System) e, por último, confrontados com as gravações video. Na análise do corpus, só foram tidos em conta para este estudo os enunciados produzidos por iniciativa própria da criança. Foram deixados de parte todos aqueles que constituem imitações ou repetições de enunciados da responsabilidade de adultos participantes na interacção verbal.

### 4. Os dados do PE

#### A aquisição do DP

Na sessão 1 (MLU 1.3), os artigos definidos, embora produzidos em número muito reduzido, já começaram a emergir e contrastam em género, não existindo, contudo, a marcação do plural nem a oposição definitude / indefinitude. Cerca de 50% dos artigos que a Marta utiliza não concordam em género com o nome. Além disso, encontramos segmentos fonéticos que precedem o nome, ocupando a posição do artigo, estando em curso um processo de identificação da posição sintáctica do determinante, mediante o recurso à inserção de segmentos fonéticos desprovidos de um valor morfológico, normalmente, [i] (Cf. Bottari *et al.* (1993/94) e Freitas *et al.* (1996)):

- |      |       |                       |                    |
|------|-------|-----------------------|--------------------|
| (2). | a.    | O [?] cão.            | (1;2.0 - sessão 1) |
|      | %pho: | i # tí'kɔw            |                    |
|      | b.    | O [?] piu # pi:(u)@f! | (1;2.0 - sessão 1) |
|      | %pho: | ípíp # pi             |                    |

Bottari *et al.* (1993/94) chamam a atenção para o facto de as crianças poderem inserir, antes de itens lexicais, vogais que consideram "Monosyllabic

Place Holders" (MPHs), no sentido em que se trata de segmentos que marcam a posição do determinante, embora esta não seja preenchida, de um ponto de vista morfo-fonológico, por elementos coincidentes com o artigo.

O emprego de MPHs, identificadores da posição sintáctica do Determinante é um argumento a favor da presença de D na representação sintáctica, embora a categoria não se encontre completamente especificada. Só assim se explica que a sua posição seja preenchida com material segmental que não corresponde à realização fonética do artigo e que, a ocupar a posição de D, possamos encontrar um determinante nulo, o menos especificado da língua.

Os artigos definidos, que contrastam em género, são os primeiros determinantes a serem realizados. A ausência de concordância em género com o complemento nominal está patente sobretudo nas primeiras sessões:

- |      |    |                  |                    |
|------|----|------------------|--------------------|
| (3). | a. | A cão.           | (1;2.0 - sessão 1) |
|      | b. | A bébé.          | (1;4.8 - sessão 3) |
|      | c. | O bota [= boca]. | (1;4.8 - sessão 3) |

No PE, N tem de mover-se em sintaxe explícita, de modo a verificar os seus traços de género e de número contra os traços dos núcleos funcionais apropriados, dentro do DP:  $Gend^{\circ}$  e  $Numb^{\circ}$ , respectivamente (Cf. Brito (1992)). A ausência de concordância entre D e N, atestada num número significativo de exemplos do *corpus*, prova que este processo de verificação nem sempre é realizado, não sendo a concordância núcleo-núcleo concretizada. Assim, a identificação de posições estruturais e a projecção sintáctica precedem a realização do movimento nuclear.

A marcação morfológica de género, assim como a concordância em género entre D e N, antecede a marcação do plural e a concordância em número entre os dois núcleos, o que nos leva a supor que a verificação dos traços de número no núcleo de  $NumbP$ , projecção mais alta do que  $GendP$  na estrutura frásica, está disponível mais tarde do que a verificação do género (Cf. Soares (1998)).

No *corpus*, constatamos que a posição de D, inicialmente apenas preenchida pelo artigo definido, vai sendo sucessivamente ocupada por outros itens funcionais - demonstrativos, artigos indefinidos, pronomes pessoais sujeito - o que pode ser interpretado como um resultado da progressiva especificação das propriedades de  $D^{\circ}$ . Os demonstrativos, que começam por surgir isoladamente, apresentam um complemento nominal com realização fonética num momento em que é gerado na posição SPEC de NP um possessivo que se move para {SPEC,  $NumbP$ }, onde verifica os seus traços:





A distinção entre a 2ª e a 3ª pessoa do singular está atestada muito cedo (Cf. (8 a, b)), assim como a realização da concordância sujeito / verbo (Cf. (8 c)):

- |      |    |                                      |                    |
|------|----|--------------------------------------|--------------------|
| (8). | a. | (V)ês [%refere-se ao brinco da mãe]? | (1;2.0 - sessão 1) |
|      | b. | Ah@i # tem chichi.                   | (1;3.0 - sessão 2) |
|      | c. | (Fu)g(i)u bol(a) bola.               | (1;3.0 - sessão 2) |

Os dados de (8) demonstram que está em curso a verificação da concordância de V, mediante o movimento do verbo para AGR<sub>s</sub><sup>o</sup>. Tal como no sistema nominal, as formas do plural emergem depois das formas do singular e, no caso dos verbos, só depois de estar completo o paradigma do singular.

O contraste entre a 2ª e a 3ª pessoas do singular está patente nas sessões iniciais do *corpus*; contudo, a utilização da 2ª pessoa começa por se limitar apenas a alguns casos e por ocorrer em estruturas interrogativas (Cf. Soares (1998)). A 3ª pessoa do singular é a mais frequente e pensamos que isso está relacionado com o facto de ser a forma verbal menos especificada.

A realização de pronomes no Caso nominativo e a realização de sujeitos numa posição pré-verbal, reforça o pressuposto de AGR<sub>s</sub> constituir uma categoria activa no sistema da criança:

- |      |    |                          |                      |
|------|----|--------------------------|----------------------|
| (9). | a. | Tu cais.                 | (1;5.17 - sessão 4)  |
|      | b. | A mãe nã(o) põe.         | (1;6.25 - sessão 5)  |
|      | c. | E(u) (v)ou le(r).        | (1;8.18 - sessão 7)  |
|      | d. | O Poupas # tem penas.    | (1;10.4 - sessão 8)  |
|      | e. | ## Oh@i com(o) ele anda! | (2;2.17 - sessão 12) |

A partir dos exemplos de (9) podemos concluir que o DP sujeito se moveu para verificar os traços-φ, os traços de Concordância e os traços de Caso. Contudo, a verificação dos traços de um DP lexical na posição de especificador das projecções funcionais do verbo começa a ser efectuada num momento em que a criança já realiza o movimento do verbo.

Logo nas primeiras sessões do *corpus*, constatamos que há dois Tempos verbais que emergiram - o Presente e o Pretérito Perfeito:

- (10). a. Ah@i # tem chichi. (1;3.0 - sessão 2)  
 b. Oh@i # c(a)iu! (1;3.0 - sessão 2)

Assim, a verificação dos traços de Tempo do verbo, contra os traços-V de T°, também se concretiza. As produções da Marta apontam para uma verificação do Tempo simultânea à verificação da Concordância e não confirmam a hipótese apresentada em Matos *et al.* (1997), que, constatando que a aquisição da informação de Tempo precede a realização da concordância sujeito / verbo e tendo em conta a existência de um paralelo entre a estrutura frásica e a estrutura de DP, defendem que a criança realiza progressivamente a verificação de traços num sentido bottom-up, estando disponíveis mais cedo as operações que envolvem categorias funcionais mais encaixadas (como TP e GendP).

Os dados do *corpus* indicam que as operações sintácticas de verificação de traços que ocorrem nas projecções funcionais do verbo - TP e AGR<sub>ç</sub>P - se concretizam antes das operações de verificação de traços dentro de DP: o Tempo e a Concordância são verificados num momento em que ainda não é realizada a verificação de número de N no DP.

#### A aquisição de CP

Um argumento a favor da presença da projecção de C° no sistema da criança é a produção de interrogativas-Wh com um sintagma-Wh deslocado para uma posição inicial da frase. No *corpus*, encontramos muitas interrogativas desta natureza, surgindo algumas logo nas sessões iniciais (Cf. Soares (1998)):

- (11). a. (O) que é? (1;2.0 - sessão 1)  
 b. O(nde) (es)tá mé-mé@f? (1;4.8 - sessão 3)  
 c. O(nde) (es)tá mão? (1;4.8 - sessão 3)  
 d. Que(m) é-: ? (1;4.8 - sessão 3)

Os exemplos de (11) mostram que o movimento do constituinte-Wh para [SPEC, CP] se realizou, sendo atraído pelos traços fortes de C°. Nas interrogativas de (b) e de (c), é também evidente a concretização do movimento do verbo para C°.

Nos dados produzidos pela Marta, há apenas três morfemas interrogativos que contrastam: 'o que', 'quem' e 'onde'. Assim, parece-nos evidente que a criança vai adquirindo progressivamente todos os elementos que podem

corresponder a morfemas interrogativos, ao mesmo tempo que vai fixando as propriedades de C°.

No corpus, a presença de frases encaixadas, completivas e relativas, é mais um argumento que demonstra que a categoria CP é projectada:

- (12). a. Não que(r) # papar@f o bolo. (1;10.4 - sessão 8)  
 b. Queres ver que eu ando? (2;2.17 - sessão 12)  
 c. (o banho) que o menino toma. (2;2.17 - sessão 12)

As primeiras completivas produzidas pela Marta correspondem a completivas de Infinitivo. Só mais tarde é realizado um complementador em C° (Cf. (12 b)). A verificação dos traços de um DP em [SPEC, CP], ilustrada pela ocorrência de interrogativas-Wh, ocorre num momento em que o núcleo C° é ocupado por um verbo, no caso das interrogativas nas quais se realiza a subida do verbo (Cf. (11 b, c)); mais tarde, C° é então preenchido por um complementador (Cf. (12 b)), numa altura em que também são produzidas as primeiras estruturas relativas (Cf. (12 c)). Este facto, bem como a assimetria entre interrogativas-Wh e relativas, vem reforçar a hipótese de que as propriedades das categorias funcionais são gradualmente especificadas no sistema da criança, que vai adquirindo progressivamente os itens funcionais que podem ocupar as posições nucleares das categorias funcionais e as operações sintácticas de verificação de traços que envolvem estas últimas.

## 5. Síntese final

Os dados produzidos pela Marta não são compatíveis com qualquer análise que exclua as categorias funcionais da derivação sintáctica. Durante o processo de aquisição do PE, existem dados empíricos da produção que sustentam a hipótese de a criança dispor das posições estruturais correspondentes às categorias funcionais D, AGR<sub>s</sub>, T e C e às suas projecções máximas, no momento em que começa a realizar as primeiras combinações de palavras que apontam para a estruturação de uma representação sintáctica semelhante à do adulto.

## Notas

1 Cf., por exemplo, Hyams (1986).

2 Pondo de lado a questão de saber se este tipo de categorias é ou não inato, Meisel e Müller (*op. cit.*) consideram que, numa fase em que a extensão média do enunciado (MLU - *Mean Length of Utterance*) da criança se situa entre 1.75 e 2.0, a categoria INFL está já disponível.

3 Meisel e Müller (*op. cit.*) constataam que as crianças, tal como o adulto, colocam sempre as formas finitas antes da negação e as formas não finitas depois da negação, o que comprova que a distinção entre ambas já existe.

4 A idade das crianças referidas por Hyams (*op. cit.*) oscila entre 1;10 e 2;0 anos.

5 Hyams (*op. cit.*), observando que crianças alemãs omitem o sujeito apenas quando o verbo aparece na primeira posição (logo, em C°, porque se trata de uma língua V2), propõe que um argumento nulo seja licenciado na posição [SPEC, CP].

6 Segundo Hyams (*op. cit.*) INFL poderá ou não dividir-se em dois ou mais nós funcionais, consoante a língua que está a ser adquirida.

7 Os dados foram recolhidos pela Doutora Maria João Freitas, no âmbito do Projecto PCSH/C/LIN/524/93, financiado pela JNICT e a decorrer no Laboratório de Psicolinguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

### Referências Bibliográficas

- BORER, H. e WEXLER, K. (1987) "The Maturation of Syntax". in ROEPER, T. e WILLIAMS, E. (eds.) (1987) *Parameter Setting*. Dordrecht: Reidel.
- BORER, H. e WEXLER, K. (1992) "The Maturation of Grammatical Principles". *Natural Language and Linguistic Theory*, 10: 147-189.
- BOWERMAN, M. (1973) *A First Language: The Early Stages*. Cambridge: Harvard University Press.
- BRITO, A. M. (1992) "Noun movement, agreement and word order in the Portuguese "Nominal Phrase"". in *Actas do Workshop sobre o Português*. Lisboa: APL.
- BOTTARI, P., CIPRIANI, P. e CHILOSI, A. M. (1993/1994) "Protosyntactic Devices in the Acquisition of Italian Free Morphology". *Language Acquisition*, 3 (4): 327-369.
- CHOMSKY, N. (1993) "A Minimalist Program for Linguistic Theory". in HALE, K. e KEYSER, S. J., A. (eds.) *The View from Building 20*. Cambridge, London: The MIT Press.
- CLAHSEN, H. (1990) "Constraints on Parameter Setting: A Grammatical Analysis of Some Acquisition Stages in German Child Language". *Language Acquisition*, 1(4): 361-391.
- CLAHSEN, H., EISENBEISS, S. e VAINIKKA, A. (1994) "The Seeds of Structure: a Syntactic Analysis os the Acquisition of Case Marking". in HOEKSTRA, T. e SCWARTZ, B. (eds.) (1994).
- CLAHSEN, H., PENKE, M. & PARODI, T. (1994) "Functional Categories in Early Child German". *Language Acquisition*, 3(4): 395-429.
- DEMUTH, K. (1994) "Questions, Relatives, and Minimal Projection". *Language Acquisition*, 4(1 e 2): 49-71.
- DÉPREZ, V. & PIERCE, A. (1993) "Negation and Functional Projections in Early Grammar". *Linguistic Inquiry*, 24.1: 25-67.
- DEPREZ, V. & PIERCE, A. (1994) "Crosslinguistic Evidence for Functional Projections in Early Child Grammar". in HOEKSTRA, T. & SCWARTZ, B. (1994).

- FREITAS, M. J., MIGUEL, M. e FARIA, I. H. (1996) "NP functional Projections: plurals within codas in the acquisition of European Portuguese". Comunicação apresentada no TROPICS Workshop, Berlin, 26-29 de Setembro de 1996.
- FUKUI, N. & SPEAS, M. (1986) "Specifiers and Projection". Papers in Theoretical Linguistics, vol. 8. MIT Working Papers in Linguistics.
- GAWLITZEK-MAIWALD, I., TRACY, R. e FRITZENSCHAFT, A. (1992) "Language Acquisition and Competing Linguistic Representations: the Child as Arbiter". in MEISEL (ed.) (1992).
- GUILFOYLE, E. e NOONAN, M. (1988) "Functional Categories and Language Acquisition". Comunicação apresentada na Thirteenth Boston University Conference on Language Development.
- HYAMS, N. (1986) Language Acquisition and the Theory of Parameters. Dordrecht: Reidel.
- HYAMS, N. (1992) "The Genesis of Clausal Structure". in MEISEL (ed.) (1992).
- HYAMS, N. (1994) "V2, Null Arguments and COMP Projections". in HOEKSTRA, T. e SCWARTZ, B. (1994).
- HOEKSTRA, T. e JORDENS, P. (1994) "From Adjunct to Head". in HOEKSTRA, T. e SCWARTZ, B. (1994).
- KITAGAWA, Y. (1986) Subjects in Japanese and English. Dissertação de Ph.D. Amherst: University of Massachussets.
- KOOPMAN, H. e SPORTICHE, D. (1991) "The Position of Subjects". *Lingua*, 85: 211-258.
- LEBEAUX, D. (1988) Language Acquisition and the Form of the Grammar. Dissertação de Ph.D., Amherst: University of Massachussets.
- MATOS, G. A., MIGUEL, M., FREITAS, M. J. e FARIA, I. H. (1997) "Functional Categories in Early Acquisition of European Portuguese". Ms. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MEISEL, J. (ed.) (1992) The Acquisition of Verb Placement. Dordrecht, Boston, London: Kluwer Academic Publishers.
- MEISEL, J. & MÜLLER, N. (1992) "Finiteness and Verb Placement in Early Child Grammars: Evidence from Simultaneous Acquisition of French and German in Bilinguals". in MEISEL (ed.) (1992).
- PENNER, Z. (1992) "The Ban on Parameter Resetting, Default Mechanisms, and the Acquisition of V2 in Bernese Swiss German". in MEISEL (ed.) (1992).
- PINKER, S. (1984) Language Learning and Language Development. Cambridge, Massachussets: Harvard University Press.
- PLATZACK, C. (1990) "A Grammar Without Functional Categories: a Syntactic Study of Early Swedish Child Language". *Nordic Journal of Linguistics*, 13: 107-126.
- PLATZACK, C. (1992) "Functional Categories and Early Swedish". in MEISEL (ed.) (1992).
- POEPEL, D. e WEXLER, K. (1993) "The Full Competence Hypothesis of Clause Structure in Early German". *Language*, 69: 1-33.
- POLLOCK, J.-Y. (1989) "Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP". *Linguistic Inquiry*, 20.3.365-424.

- POLLOCK, J.-Y. (1997) *Langage et Cognition*. Paris: Presses Universitaires de France.
- POWERS, S. M. (1996) *The Growth of Phrase Marker: Evidence from Subjects*. Dissertação de Ph.D. University of Maryland.
- RADFORD, A. (1986) "Small Children's Small Clauses". *Bangor Research Papers in Linguistics*, 1: 1-38. Bangor: Department of Linguistics, University College of North Wales.
- RADFORD, A. (1988) "Small Children's Small Clauses". *Transactions of the Philological Society*, 86: 1-46 (versão revista de Radford (1986)).
- RADFORD, A. (1992) "The Acquisition of the Morphosyntax of Finite Verbs in English". in MEISEL (ed.) (1992).
- SOARES, C. (1998) *As Categorias Funcionais no Processo de Aquisição do Português Europeu (Estudo Longitudinal da Produção Espontânea de uma Criança de 1;2.0 aos 2;2.17 anos)*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- WEXLER, K. (1996) "The Development of Inflection in a Biologically Based Theory of Language Acquisition". in RICE, M (ed.) (1996) *Toward a Genetics of Language*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- VALIAN, V. (1992) "Categories of First Syntax: Be, Be+Ing, and Nothingness". in MEISEL (ed.) (1992) *The Acquisition of Verb Placement: Functional Categories and V2 Phenomena in Language Acquisition*. Dordrecht: Kluwer.
- VERRIPS, M. e WEISSENBORN, J. (1992) "Verb Placement in Early German and French: The Independence of Finiteness and Agreement". in MEISEL (ed.) (1992).